A PSICOPEDAGOGIA E A INDISCIPLINA NA ESCOLA

ORIENNE PASSINI PEREIRA DA SILVA

RESUMO

A indisciplina seria um sintoma de injunção da escola idealizada e gerida para um determinado tipo de sujeito e sendo ocupada por outro. A Psicopedagogia nos mostra, que o indivíduo é indivisível, que devemos recuperar o individual, resgatar o ser humano, considerar as relações sociais, a afetividade, as emoções. A mudança, de uma escola indisciplinada para uma escola disciplinada, com a participação efetiva dos alunos na manutenção da disciplina requer trabalho firme e contínuo, requer a participação dos mesmos nas decisões, nos estabelecimentos de metas, enfim o respeito que o educando merece como parte integrante do sistema.

Palavras-chave: Indisciplina; Psicopedagogia; Escola; Covid-19.

INTRODUÇÃO

De acordo com Fernandez (1998 páginas 15), in Andrade (1998, pág 15):

"Nossa disciplina é indisciplinada como o são o desejo e o saber. Indisciplinada porque conhece a falta, os limites. No reconhecimento da carência está a potência... A psicopedagogia vai constantemente discutindo seus fundamentos e construindo suas ferramentas." Alicia Fernandez (in Andrade, 1998,15).

De acordo com Cunha, (2000, página 268), define disciplina como o: "regime de ordem imposta ou livremente consentida; a ordem conveniente e necessária ao funcionamento regular de uma organização (militar, escolar, etc.); relações de subordinação do aluno para com o mestre ou instrutor; observância de preceitos ou normas; conjunto de conhecimentos que se professam em cada uma das cadeiras ou matérias nos estabelecimentos de ensino; submissão a um regulamento; autoridade ou obediência a ela; ensino, instrução; educação";

Deduzimos então que indisciplina (in-não disciplina) se contrapõe a essa afirmação. Podemos então dizer que indisciplina é a falta de uma ordem imposta ou livremente consentida; desordem inconveniente e que desregula o funcionamento de uma organização; relação de insubordinação do aluno para com o mestre ou instrutor; inobservância de preceitos e normas; falta de conjunto de conhecimentos ou conhecimentos desordenados e desconexos nas cadeiras ou matérias professadas nos estabelecimentos de ensino; insubmissão a regulamento; desobediência; desensina, desinstrui e deseduca.

DESENVOLVIMENTO

A Psicopedagogia busca a construção do conhecimento e as dificuldades apresentadas nessa construção, portanto segundo Andrade (2002 páginas 143).

"a psicopedagogia é então um campo de investigação que descarta qualquer recorte da realidade que impeça uma visão mais completa do fenômeno pesquisado. Tem como objetivo o estudo do ato de aprender levando sempre em conta as realidades internas e externas da realidade, tomadas em conjunto. E mais: procurando estudar a construção do conhecimento em toda a sua complexidade, procura colocar em pé de igualdade os aspectos cognitivos, afetivos e sociais que estão implícitos".

Analisando essas colocações constatamos que o tema indisciplina se embasa na Psicopedagogia e nela encontra suas propostas de solução.

Ao mergulharmos no estudo da Psicopedagogia vamos observando e analisando as questões que interferem nos mecanismos da aprendizagem do aluno, percebemos que a indisciplina é um "ruído" que dificulta e ofusca essa aprendizagem.

Constantemente deparamos, em nossa dia a dia, no contato com professores, pais, funcionários, amigos, parentes e ou tantos outros, com colocações tais como: "Esse aluno é indisciplinado e não dá para aguentar; Não tem jeito, ele é terrível; Ninguém pode com essa criança; Temos que excluí-lo da escola para que não contamine os outros; A senhora diretora escolhe ou ele ou eu, se ele não sair eu não entro mais nessa sala para da aula".

Resolveríamos rapidamente essas questões se o aluno fosse uma letra errada num texto digitado; fosse um vírus que invadiu nosso computador; um programa instalado e que não se quisesse mais, bastaria apertarmos em nosso computador a tecla "delete" e tudo se apagaria, as letras erradas, o vírus, o programa e o aluno indisciplinado. Mas isso é impossível. O ser humano não pode ser deletado, excluído, ele tem e deve ser incluído, aceitado, resgatado.

A Psicopedagogia nos mostra, que o indivíduo é indivisível, que devemos recuperar o individual, resgatar o ser humano, considerar as relações sociais, a afetividade, as emoções.

Fala-se muito nos planos escolares em preparar o aluno para aprender a pensar por si próprio, ter iniciativa própria, buscar a autonomia. Isso é importante. Constatamos que

os alunos são de um modo geral dependentes, e os mais autônomos são considerados indisciplinados, atrevidos e ansiosos. Muitas são as frases de efeito e bonitas, nos Planos, mas em alguma parte demonstram um pensamento arcaico e conservador como, por exemplo: "É função da escola não só ensinar o que pensar, mas como pensar, superando a pretensão do saber comum, sem despreza-lo e dominando o conhecimento daquilo que se vai criticar". Na realidade o que o aluno deve investigar e conhecer continuamente, é que deve ser questionador sem desprezar os outros saberes, mas o fato de querer ensinar "o que e como pensar" me causa certa estranheza. Nosso pensamento não pode ser "adestrado". Podemos descobrir diferentes meios para construir o pensamento, mas para ensinar procedimentos, maneiras de como pensar corretamente, concluamos fica um pouco complicado. Além disso, ensinar o que pensar me parece um ato que cerceia a liberdade de pensar do aluno. O professor pode apontar caminhos, possibilidades, mas não pode determinar o que o aluno deve pensar. É bem mais como diz a música "o pensamento parece uma coisa à toa, mas como é que a gente voa quando começa a pensar".

Percebemos que disciplina/indisciplina se relaciona e está intimamente ligada à escola, são modos fixos de vivência e organização que é menos rígida e um grande problema na atualidade, pois remodela, com a nova abertura psicopedagógica, os hábitos, atitudes, conceitos e outros modos de vida; os conceitos psicossociais e até os religiosos foram abalados é a asserção da verdade sobre o mundo empírico, os valores, as finalidades, a linguagem realmente foram alterados por intermédio de ideias, argumentos, premidos pelo ponto de vista da eclosão da modernidade que afeta todos com seu marketing clareza e vitalidade. Esta distinção não afirma que haja prescrição de regras, há sim, mas não com a rigidez exacerbada, mas implica num controle comportamental de valor hierárquico de salvaguarda da pátria, numa emergência.

Nas atividades diárias a ordem e as regras são rígidas e fixas, com submissão, sem crítica e irrestritamente seguida e isso mantém a própria existência da instituição. Embora usemos o mesmo termo o contexto linguístico é diferente e as práticas escolares se parecem, mas não se igualam. Na escola a palavra disciplina implica outra conotação, estabelecida, mas humana e flexível nos procedimentos comportamentais e é profundamente relacionada com a aprendizagem das matérias em geral, tanto das humanas, artísticas e/ou científicas da cultura em geral.

As matérias que compões o programa escolar são disciplinas. Aqui se distancia a conotação da palavra disciplina. A escola precisa da disciplina comportamental, para haver campo de trabalho salutar e organizado, ao mesmo tempo em que tem de desenvolver o conhecimento das disciplinas como procedimento de transmissão de cultura e conhecimento.

Aqui estão as duas aplicações da conotação de disciplina. Os dois usos da palavra são legítimos, algo fixo e comum a eles, que é a grafia invariante que se unem familiarmente.

É preciso ressaltar ainda que usemos o termo, o contexto varia quando nos referimos à disciplina militar. Esta implica no controle de comportamento do objetivo primordial desta instituição, a rigidez do hábito invariável sempre pronto para resolver um conflito. Sempre estão armados para uma possível guerra. Se nos referimos à disciplina eclesiástica há também conotação especifica e redundante, que leva ao hábito invariável também, mais voltado para a beatitude e ondas celestiais.

Na escola, é preciso ressaltar, o emprego da palavra disciplina nos traz a noção menos fundada em ordem fixa e inalterável de atitudes e procedimentos, de comportamento e fica relacionada com a outra disciplina que são as matérias e demais áreas de cultura, como as ciências, as artes e entre outros.·.

As áreas de conhecimentos constituem o currículo escolar -as disciplinas– é plural e a disciplina comportamental é singular. Não há comportamento "específico" que efetue totalmente um aprendizado, vários são os coadjuvantes na aprendizagem.

A etimologia da palavra, na verdade, esclarece, se deriva do latim. O termo disciplina é igual "disco" que significa "aprender". Na verdade há a noção de submissão do aprendiz 'às regras é estruturas' da matéria, a qual se estuda e à autoridade do mestre que ensina. Por si só, as regras não valem, mas são os caminhos para o aprendizado, logo a disciplina a escolar consiste na explicação do vínculo entre disciplina área de conhecimento e disciplina comportamento/procedimento. Este vínculo é próprio especifico da relação escolar. Sofismar, não ajuda, nem resolve, mas temos que atentar e temos que nos aproximar e buscar o único tipo que existe de comportamento a que chamamos disciplinado e é responsável por muitas aflições que temos concernentes à suposta disciplina dos alunos. Indisciplina num jogo de futebol, num mosteiro ou num laboratório exigem posições e ações diferentes e assertivas regras específicas.

Para cada caso, uma colocação disciplinar, no laboratório ou num outro ambiente pode significar um tremendo fracasso. No caso da ciência, perde-se toda a experiência ou reação o que exige que tenha havido uma adesão ideal, com métodos e técnicas disciplinares assumidas.

A ação disciplinar é um saber fazer, não é um saber autoritário exigente. É um saber profissional. Não é um monólogo inflamado,

um discurso, mas sim um tipo de ação. Essa ação concretiza-se em um trabalho, o professor ensina, o aluno executa a aprendizagem, isto só é possível se há uma ação, uma regra metódica, regrada, medida, logo disciplinada. Disciplinado não exige boa ordem.

A palavra regra entre outros raciocínios pode expressar um comportamento de tácitas permissões ou proibições (trânsito, regras de futebol) que podem só referendar instruções (como usar o micro) ou preceitos religiosos que são guias de ação presos aos mandamentos. Todos os usos são legítimos com variantes para as categorias, mas há uma familiaridade que os une. Método é uma forma de agir, de operar, engenhosidade, manhas do ofício legitimadas hegemonicamente. São formas interessantes de trabalhar.

Aquino afirma em Aquino, (1996, pag.148): "A aprendizagem é, assim, a forma de contrapor a um problema soluções próprias daquele que aprende".

Pode haver necessidade de repetição de procedimento, mas aprender não exige sempre repetição, prescindem de clareza, linguagem coerente, interesse e outros pormenores.

Ryle, em seu artigo define bem aprendizagem quando diz que a criança foi alfabetizada, sabe ler e escrever, quando escreve palavras que não lhe foram ensinadas, é estar no domínio do "modo de operar" é ter habilidade e demonstrar concretamente. Lá vem a história de andar de bicicleta quem aprendeu saberá para sempre, é uma posse, de uma maneira de executar alguma coisa, de fazer, de criar afinal de regras que possibilitem esses procedimentos. Quem ensina alguma coisa, ao mesmo tempo inicia o aluno nas regras que facilitam esse modus operandi de uma área do saber. As regras referem-se a exercícios práticos variados ou em número certo, situações modelares, demonstrações, informações, diálogos, dissertações, palestras e ou mil técnicas diferentes, mas a repetição e a observância metódica e constante facilitam a aquisição de capacidade ampla de associar a outros problemas com suas próprias soluções dedutivas.

Toda regra bem orientada possibilita ações criativas. A educação exige comportamento que lhe são próprios. Aqui reside a problemática da prática da disciplina. Temos que ter precauções quanto a isto. Disciplina escolar não é boa ordem, mas são práticas que exigem diversas disposições e diferentes tipos de necessidades. Uma aula exige silêncio, outra, resolução de problemas, diálogos e troca de ideias e são partes constituintes da disciplina (matéria). Não há tipo padronizado de comportamento, mas há que saber como ensinar certas maneiras de trabalho. Não há regras que garantam o êxito do ensino. Ensinar é uma arte que não tem regras nem receitas. Ao professor cabe criar, segundo os objetivos que o tema em pauta requer e criar as características do que ensina, achar o método para transmitir a disciplina sem um discurso sobre a disciplina, inventar, criar um modo eficaz de expor garbosamente sua matéria. Usar de clareza, despertar o interesse do aluno e a experiência diz que com objetivos atraentes a disciplina comportamental no âmbito das atividades escolar é alcançada.

Andrade (2002) nos diz que as relações devem ser pensadas no seu significado e não aparência, no que sabe não no que se conhece que devemos aceitar a metáfora como exercício de resgate, para que assim possamos entendê-lo, o que nem sempre se consegue esclarecer é o subjetivo. Para isso usamos metáforas como forma de exercício para se alcançar o que interessa que é o resgate do real significado. Devemos ver as relações em seu "totum" para melhor observar os detalhes embutidos no objetivo estudado. Temos que entende-lo.

Elencar os problemas e as dificuldades de entendimento da aprendizagem concreta é fundamental. Para isso temos de iniciar a observação pelo ambiente material e rever a história, analisada a subjetividade agregada na trama sem nos prendermos em detalhes de afetividade partidária (que esconde as falhas), sem o objeto nem o objetivo desmistificado.

A nossa visão deve estar enfocada para aquele que apresenta dificuldade, mas também ao teor intrínseco dessa dificuldade. Achar o inconsciente impossibilitador e revela-lo. Ele é o simbólico, o histórico, o material. É o individual e o social se contradizendo, em seus conflitos do objetivo e do subjetivo.

Um subtexto, não verbalizado, mas fundamentalmente básico percebido e simbolizado é a relação familiar. É no recesso do lar, onde acontecem os encontros e os desencontros. É lá que está a fonte de afetos, pendores e da energia que alimenta a sede e as possibilidades de saber, de conhecer/desconhecer. Ela é o primeiro núcleo socializador. É aí que estão os modelos dos desejos de aprender. Aí está o mágico filtro do centro dos interesses positivos ou não. É nessa troca de crescimento físico e emocional que mora o segredo do conhecimento cognitivo a ser desenvolvido que nascem do vínculo da figura materna, seguida da paterna que vai ocasionar o relacionamento com o mundo, através do conhecimento dos objetos, coisas, entre outros.

A família exerce ação poderosa na aprendizagem e disciplina da criança e do adolescente nem sempre essa força é ostensiva, mas ela é como a água em pedra dura. Quaisquer que sejam os caminhos ou as encruzilhadas seus tentáculos de vínculos é fecundo e alcança além da realidade. Entendemos isso citando Andrade (1998, pág. 175): "A imaginação não é como sugere a própria etimologia a faculdade de imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade.

É uma faculdade de sobre-humanidade".

Despreocupado, em família, é que emergem os segredos conhecidos e desconhecidos, é que surge o inconsciente e seus conflitos. Aqui ele é ator e autor entrelaçados que se buscam através da análise dos conteúdos simbólicos que se apresentam na necessidade da leitura não do sintoma, mas do conhecimento afetivos.

Quando contatuamos o sujeito concreto, despido de seus valores, cheios de desejos e limitações, com teorias inadequadas aos espaços, vemos nisto um sintoma de que temos aqui uma pessoa em sua totalidade, inteira, ampla às particularidades da convivência com mais pessoas, outros contextos, outras histórias. Percebemos a riqueza que há em cada detalhe modificando-a. Isso fala diretamente a alma que com isso está exprimindo as suas verdades, mansamente, disfarçadamente; é uma manifestação científica que nem todos escutam e poucos compreendem.

Essa perspectiva nos anima a resgatar o indivíduo de corpo e alma num homem positivo que enfoca o universo como uma máquina fácil de analisar. Não podemos, nem devemos explicar esse relacionamento causa/efeito, buscamos supor e suportar, aguentar as indefinições.

Com esse entendimento destacamos o fio imperceptível do pensamento que há e com a segurança da verdade absoluta e eterna surgem novas formas de conhecer.

Olhamos o outro e nos identificamos nele, algo muito nosso, é um dualismo que lutamos para ultrapassar. O dualismo da inferioridade e da exterioridade quando se apercebe da verdadeira unidade da vida. Perceber essa dualidade é apreensão intuitiva, eliminatória logo inexprimível.

Cada indivíduo tem seu tempo e não se sabe determinar o tempo possível entre objetivo e o subjetivo, entre o social e o individual. Avaliar é provocar soluções distorcidas ou de coisas já passadas que não são mais.

O tempo não pode ser revivido, não há possibilidade "a verdadeira imagem do passado perpassa veloz. Em Andrade (1998, pág. 175) ela afirma: "O passado só se deixa ficar como, imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido".

O melhor nesta teoria é abandonar o tempo, esse tempo abstrato que não se consegue parar, deter, tocar nem ao menos para ser medido por si e em si. É plena de possibilidades, inúmera possibilidade de se recuperar os desafetos ocasionais da rapidez da passagem.

Passado é o que já foi e não é mais futuro, é o "ido" incomensurável onde as limitações do presente podem ser ressarcidas.

Aqui o presente é o ensaio da história, um fato, um conto que pode ser reeditado salientando-se momentos específicos.

Num movimento dialético há a transformação vislumbrante do vir a ser. Um fato. A história vivida é finita, mas é a chave do entendimento, do que houve antes e poderá ser novamente.

Essas lembranças ressaltam a interferência do antes e do depois do exterior e do interior, a história nos dois tempos. O tempo de ser e o tempo de contar. Suas emoções, seus afetos, suas esperanças desnudadas da subjetividade mostrando-se imparcialmente.

Cada obra tem em si a marca do executante. A história é cheia de reminiscência, temporalmente linear, retrospectivamente esclarece o que se passou. Não mecanicamente ela foi tecida tal qual manta, com direito e avesso que se interpenetram num painel deslumbrante de cores. É a reconstrução do tempo. É um novo olhar resgatando o significado profundo e verdadeiro.

Todos esses comentários têm como finalidade asseverar que a psicopedagogia é um leque infindável de soluções e ou opções para a resolução dos problemas indisciplinares do adolescente. Saibamos ler nas entrelinhas dos casos em família a raiz dos desajustes educacionais.

O bom professor é aquele que percebe as características particulares que levam o estudante adolescente, ao fracasso na aprendizagem. Ele deve ser de uma intuição educativa, bem sensitiva para evitar a gênese e a manutenção do fracasso escolar. A família que não pondera o tempo de cada filho sentindo-os díspares, provoca desajustes psicopedagógicos irreversíveis. Esses casos, quando não trabalhados por pessoal qualificado, não especificamente um médico, mas um psicopedagogo interessado numa matéria é deplorável. Uma longa e constante ida a médicos em consulta para solução de sua problemática, pouco ou quase nada consegue em favor da eliminação do seu caso. Nem sempre ele passa ou deixa transparecer as bases de desinteresse, ele escamoteia mesmo sem perceber detalhes fundamentais básicos que levariam a solução prática.

A mudança, de uma escola indisciplinada para uma escola disciplinada, com a participação efetiva dos alunos na manutenção da disciplina requer trabalho firme e contínuo, requer a participação dos mesmos nas decisões, nos estabelecimentos de metas, enfim o respeito que o educando merece como parte integrante do sistema.

Para falar sobre a questão da indisciplina, Aquino, (1996) parte do principio de que a questão da indisciplina na escola é uma das preocupações fundamentais para muitos professores, pois, para eles, a conduta desordenada dos alunos é um grande obstáculo, que é traduzido como: bagunça, tumulto, falta de limites, maus comportamentos, desrespeito as figuras de autoridade, etc.

Podemos afirmar que a questão da indisciplina não é um obstáculo enfrentado somente pelas escolas publicas, elas também são frequentes em instituições de ensino particular. A indisciplina é a grande inimiga do educador atual, e é, tão complexa que, não há alternativas teóricas, dentro do âmbito didático-pedagógico, que proponham uma solução.

O que teria acontecido com as práticas escolares a ponto de a indisciplina ter se tornado um obstáculo pedagógico?

Para encontrar respostas é necessário que mergulhemos no passado para comparar as escolas de outrora e a escola atual. No passado esta questão estava fora de cogitação, uma vez que as prescrições disciplinares eram consideradas uma decorrência inequívoca do exercício docente, ou seja, o professor era um autêntico disciplinador, e a ordem era uma questão crucial nesta relação.

O mundo mudou. Os alunos mudaram. E nós educadores, mudamos?

A indisciplina é um sintoma de uma ordem que não é escolar, ela surge no interior da relação educativa. A escola não é uma instituição independente do contexto sóciohistórico. O que ocorre na escola é uma articulação dos movimentos exteriores a ela, embora esta instituição funcione como um "tabuleiro" social, que vai desenhando novas configurações, ela não está isolada das demais instituições sociais.

As práticas escolares são testemunhas e protagonistas das transformações sociais. Seu perfil vai adquirindo diferentes contornos de acordo com as transformações históricas.

Analisando a escola do passado, que exercia um controle ordenado do corpo e da fala, cujo silêncio nas aulas era absoluto, e fora dela a disciplina era imposta à base do castigo ou da ameaça dele, sua estrutura e funcionamento eram semelhantes à de um quartel, cujo professor era um superior hierárquico; este modelo definia as relações institucionais como um todo.

Para um educador de hoje, menos avisado, este modelo de educação, sempre remete ao saudosismo, muitos até dizem: "- a escola do passado era melhor". Este modelo não pode mais ser aceito, pois, a crescente democratização política do país e a desmilitarização das relações sociais, trouxeram uma nova geração e, um novo aluno. Um novo sujeito histórico, embora ainda guardemos, como padrão, a imagem daquele aluno submisso e temeroso.

É importante ressaltar que a escola do passado era um espaço social pouco democrático. O direito a escolaridade básica de oito anos é uma conquista social muito recente na história do país. Esta escola possuía um caráter elitista e conservador, destinava-se às classes sociais privilegiadas. O acesso às classes populares era obstruído pela estrutura da escola daquela época. Nos dias atuais, o fator exclusão continua existindo, embora haja o que chamamos de democratização do ensino.

As teorias psicológicas sacralizam a naturalidade com que o sujeito universal é pensado, sempre como se todos fossem iguais em essência humana e em possibilidades. Pois, defendem a idéia de que cada individuo possui características que são universais e independem de influência do meio social, desse pensamento surge outra idéia corrente de ajustamento social aplicado a psicologia e a educação.

Os padrões de comportamento a serem ensinados ou modificados correspondem à perspectiva da classe dominante, que os torna universais, e, portanto, compulsórios. Confunde-se, então, a idéia de democratização com deterioração do ensino. Estas teses nos levam a aceitar, de maneira equivocada, que a qualidade do ensino, principalmente o público, teria decaído pelo simples fato de ter-se expandido para outra camada social.

Que significados poderíamos subtrair dos fenômenos que rondam a nova escola, incluiria a indisciplina? Ela está indicando o impacto do ingresso de um novo sujeito histórico. Nesse sentido, a gênese da indisciplina não residiria na figura do aluno, mas na rejeição operada por esta escola incapaz de administrar as novas formas de existência social concreta.

A indisciplina seria um sintoma de injunção da escola idealizada e gerida para um determinado tipo de sujeito e sendo ocupada por outro. Ela equivaleria a um quadro difuso de instabilidade gerado pela confrontação desse novo sujeito histórico a velhas formas institucionais cristalizadas. Ela surge da tentativa de ruptura do velho com o novo, ou seja, de um modelo autoritário de conceber e efetivar a tarefa educacional para um modelo menos elitista e conservador.

A massificação do ensino que, entre nós, se tem verificado, não trouxe consigo apenas aspectos positivos - tais como a escolaridade e a educação para todos, a generalização e a igualdade de oportunidades, a promoção e a realização dos indivíduos e a sua integração na sociedade. Outros aspectos houve que, menos visíveis no passado, são agora postos em destaque com o alargamento da escolaridade. Um desses aspectos tem a ver com situações relacionadas com a disciplina/indisciplina na escola e, em especial, a indisciplina na sala de aula.

Poder-se-á dizer, como muitas vezes acontece, que a sociedade de hoje é mais violenta que há de uns anos atrás e que, fruto da educação familiar facultada e de transformações sociais operadas, os nossos alunos (pelo menos parte deles) se tornaram mais irrequietos e menos empenhados e colabo-

rantes, ao que se ficarão a dever as situações de indisciplinas verificadas na escola e na sala de aula. De qualquer modo (e tal afirmação, embora aparentemente verdadeira, carece de ser comprovada e, sobretudo explicada), a escola não pode se alhear dessa realidade, mas tem de saber lidar com ela.

Nesse sentido, há, antes de qualquer coisa, que distinguir entre situações de delinquência e situações de indisciplina. Se as primeiras são do foro policial e criminal (e a escola, não lhes podendo ser indiferente, pouco ou nada poderá fazer para lhes dar resposta), as segundas têm a ver com comportamentos impeditivos de um ambiente propício à aprendizagem, e por isso mesmo já dependem em grande medida da própria intervenção da escola. Neste último caso, a solução dos problemas fica confiada à escola, aos professores em geral, e a cada professor em especial, no interior da sala de aula - onde a resposta às situações de indisciplina deverá passar pelo recurso à pedagogia, nomeadamente pelas opções estratégicas e metodológicas por que cada professor, em cada momento, ousa optar.

Neste sentido, e perante a necessidade de se intervir e buscar respostas para estas realidades propõe refletir sobre a indisciplina na escola, partindo do princípio que muito do que a ela é relacionado se deve, primeiro, a más condições da própria escola, e depois, na esfera específica de cada professor, a intervenções inadequadas no campo didático-pedagógico destacando alguns meios para lhe fazer frente, como a preocupação com as características específicas dos alunos, com a individualização do ensino, com o envolvimento psicopedagógico na relação ensino/aprendizagem, com a resposta a interesses e necessidades evidenciados. Ainda que, por esta via, nem todas as manifestações de indisciplina na escola possam ficar ultrapassadas, certamente que ela concorrerá para uma diminuição dos casos em que tais situações hoje se verificam, tornando os nossos professores mais atentos e, as nossas escolas mais propiciadoras de sucesso e mais correspondentes às finalidades para que estão instituídas.

Disciplina nas salas de aulas é um dos problemas que, atualmente, mais preocupa os professores, sobretudo os mais novos ou inexperientes. Sem o mínimo de silêncio e de ordem, não é possível concentrar-se no ensino e efetivar-se aprendizagem.

Várias são as definições de disciplina, o que se entende e o que se entendeu por disciplina. Mas nem todos os conceitos são razoáveis. Ela deve ser vista mais num sentido dinâmico que estático, mais como autodisciplina, assumida consciente e livremente, que como heterodisciplina, imposta à força desde o exterior.

A pandemia da Covid-19 trouxe a tona o debate sobre a indisciplina, principalmente porque após dois anos de confinamento, de mudanças nas relações escolares, de lutos vivenciados de forma abrupta, o retorno à escola, à sala de aula, está muito difícil, cheia de desafios. Os alunos precisam reaprender a conviver em grupo, a ser parte de uma turma, a estudar e compreender a importância dos estudos para a mudança da sua condição históricosocial-pedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebo que a escola ainda está enraizada no passado, esquecendo que o sucesso que os alunos terão pela vida afora depende de como são encarados os fatos que surgem no dia-adia. A argumentação, o saber ouvir, a empatia, o altruísmo e o exercício constante da sensibilidade nos fortalece.

Para transformarmos nossos alunos em cidadãos conscientes, capazes de respeitar e conviver com o outro, precisamos estar em dia com os nossos deveres de cidadãos também. Uma escola preocupada com o aluno cidadão não precisa ser rica em recursos, necessita de riqueza de sentimentos, de pessoas preparadas para lidar com as diferenças. Um corpo docente experiente e com alto grau de sensibilidade para gerar momentos de grande aprendizado.

Nenhuma escola pode dar-se ao luxo de passar por cima de sentimentos, de vivências, de oportunidades de fazer crescer. Ao contrário, deve mostrar a necessidade do espírito de cooperação, lealdade, dignidade e da compreensão; e que tais sentimentos são pontos fundamentais para se viver em sociedade.

O perfil global de comportamentos manifestados pela população escolar, atualmente, é reflexo da contextualização sócio-familiar envolvente.

Existem alguns alunos oriundos de meios desfavorecidos que relevam atitudes de violência, indisciplina e dificuldades de adequação a diferentes processos do contexto de ensino-aprendizagem e/ou relação/interação com seus pares, colegas de escola e adultos, perturbando o normal funcionamento das atividades educativas. Apresentam, de forma genérica, dificuldades básicas em interpretar as várias significações do tom de voz, olhar, contato físico e silêncio do professor, em função dos diferentes contextos. Assim, não reagem devidamente às intervenções disciplinares reguladas pelo docente quando este se exprime de forma verbal ou não verbal.

Nesta perspectiva e de forma a procurar transformar a disciplina social num fim educativo de caráter imediato e de meio de educação, encontram-se previstas nos Regimentos

Internos das Escolas às várias medidas educativas disciplinares a aplicar, tendo em conta o decreto-lei n.º 270/98, ainda em vi-

gor e já com algumas alterações, com vista à preconização de tais regras de conduta socialmente previstas.

Por conseguinte, mais importante que controlar comportamentos, deverão ser tidos em linha de conta aspectos de relação, interação/comunicação, disponibilidade, empatia e franca mediação professor-aluno, possibilitando um clima de liberdade, tolerância e aceitação mútua.

Passa-se assim pela definição de estratégias de intervenção específicas, como seja a criação de regras de comportamento/conduta, elaboradas conjuntamente pelo docente e pelos alunos.

Cultiva-se, desta forma, uma nova atitude do professor face à escola, baseada numa disciplina não imposta, mas consentida e proposta, levando o aluno a compreender e a aderir, de forma voluntária, às regras do jogo pedagógico que ele se vê levado a jogar.

Essa atitude passará, consequentemente, pela organização do ambiente de aprendizagem que deverá ser estimulador, de forma a suscitar o interesse e a participação das crianças e jovens, incentivando o seu adequado desenvolvimento global e de autonomia.

A Psicopedagogia nos mostra, que o indivíduo é indivisível, que devemos recuperar o individual, resgatar o ser humano, considerar as relações sociais, a afetividade, as emoções. A nossa visão deve estar enfocada para aquele que apresenta dificuldade, mas também ao teor intrínseco dessa dificuldade. Achar o inconsciente impossibilitador e revela-lo. Ele é o simbólico, o histórico, o material. É o individual e o social se contradizendo, em seus conflitos do objetivo e do subjetivo.

A mudança, de uma escola indisciplinada para uma escola disciplinada, com a participação efetiva dos alunos na manutenção da disciplina requer trabalho firme e contínuo, requer a participação dos mesmos nas decisões, nos estabelecimentos de metas, enfim o respeito que o educando merece como parte integrante do sistema.

A indisciplina é um sintoma de uma ordem que não é escolar, ela surge no interior da relação educativa. A escola não é uma instituição independente do contexto sócio-histórico. O que ocorre na escola é uma articulação dos movimentos exteriores a ela, embora esta instituição funcione como um "tabuleiro" social, que vai desenhando novas configurações, ela não está isolada das demais instituições sociais.

As práticas escolares são testemunhas e protagonistas das transformações sociais. Seu perfil vai adquirindo diferentes contornos de acordo com as transformações históricas.

A indisciplina seria um sintoma de injunção da escola idealizada e gerida para um determinado tipo de sujeito e sendo ocupada por outro. Ela equivaleria a um quadro difuso de instabilidade gerado pela confrontação desse novo sujeito histórico a velhas formas institucionais cristalizadas. Ela surge da tentativa de ruptura do velho com o novo, ou seja, de um modelo autoritário de conceber e efetivar a tarefa educacional para um modelo menos elitista e conservador.

A pandemia da Covid-19 trouxe a tona o debate sobre a indisciplina, principalmente porque após dois anos de confinamento, de mudanças nas relações escolares, de lutos vivenciados de forma abrupta, o retorno à escola, à sala de aula, está muito difícil, cheia de desafios. Os alunos precisam reaprender a conviver em grupo, a ser parte de uma turma, a estudar e compreender a importância dos estudos para a mudança da sua condição históricosocial-pedagógica. Compreendo a necessidade de desenvolver a autoestima, o convívio social, ensinar a aprender, e só assim após reestabelecer os limites, compreender as dificuldades, medos e anseios, reestruturar o aprender, vamos ser capazes de retomar disciplina e diminuir a indisciplina.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. S., Psicopedagogia Clínica: Manual de Aplicação Prática para Diagnóstico de Distúrbios do Aprendizado, São Paulo, Poluss Editorial, 1998.

ANDRADE, M.S. e CAPOVILLA, A.G.S., A produção do conhecimento: Métodos e Técnicas de pesquisa em Psicopedagogia, São Paulo, Mennon Edições Científicas, 2002.

AQUINO, J.G. (coord.) Transtornos emocionais na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1999.

AQUINO, J.G.; ARAÚJO, U.F. et. al. Os direitos humanos na sala de aula: a ética como tema transversal. São Paulo: Moderna, 2000. [no prelo]

CUNHA, A. G., Dicionário Etimológico, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

FERNANDEZ, Alicia - A Inteligência Aprisionada Editora: 1ª. Ed. Porto Alegre, Editora Artmed, 2001.

LEVISKY, David Leo (org.). Adolescência e Violência: ações comunitárias na prevenção. São Paulo: Ed. Casa do psicólogo, 2001.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. A formação de professores, no âmbito da integração escolar. Brasília: MEC/SEE, ano 7, nº 18, 1997.

POLITY, Elizabeth (Org), Psicopedagogia: um enfoque sistêmico. 1ª ed. São Paulo, Editora Empório do Livro, 1998.

STAINBACK, Susan & STAINBACK, William. Inclusão: um guia para educadores. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

VYGOTSKY, L. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.